

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ GEOGRAFIAS DAS INFÂNCIAS: FRONTEIRAS E CONEXÕES

Wanda e Vera liam em voz alta os anúncios de remédios fixados no bonde. Até eu, que não sabia ler (não lia mas podia apontar com o dedo, sem errar, o remédio anunciado), entrava no páreo, repetindo rapidamente os textos decorados de tanto ouvir. Muita gente se admirava ver criança tão pequena ler daquele jeito: “Veja ilustre passageiro / o bello typo faceiro / que o senhor tem a seu lado,/E no entretanto acredite/quási morreu de Bronchite/ salvou-o o Rhúm Creosotado!” “Cantando espalharei por toda a parte: Tosse? Bromil!”; quem tomava Bromil era Bruno, meu primo, sempre com bronquite. “Pílulas de vida do dr. Ross”, o remédio de tia Clara, mulher de tio Remo, que sofria de prisão de ventre crônica. “Tônico Iracema, conserva os cabelos negros, naturalmente”, esse era de tio Augusto, marido de tia Dina. “Fermento Láctico Fontoura, contra azia e má digestão”, esse o da mamãe; inventei muitas vezes dor de estômago para ganhar algumas das deliciosas pastilhinhas. “Abaixo drogas cacetes/ no mundo dos sabonetes/ raiou deslumbrante sol/ apareceu o bendito/ sabonete de Eucaliptus/ denominado Eucalol.” Esse mamãe não comprava; ela gostava de unn — não lembro a marca — perfumado a heliotrópio. “Biotônico Fontoura — o mais completo fortificante!” Jamais contei a ninguém o que acontecia comigo sempre que via o rótulo verde-claro desse conhecido remédio, pois eu guardava segredo acerca da associação de idéias, insólita se eu não tivesse uma explicação para ela, que me ligava àquele anúncio. O frasco do “Biotônico” me fazia lembrar um chapéu de toureiro, todo bordado de miçangas coloridas.

Zélia Gattai

Zélia Gattai, em sua conhecida obra “Anarquistas Graças a Deus (1979)¹, registra sua

1 GATTAI, Zélia. Anarquistas, graças a Deus. Memórias. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

infância vivida em diversos espaços de São Paulo. Filha de imigrantes italianos, seu livro narra, em detalhes, os acontecimentos presentes em suas memórias de adulto, vividos como criança nessa paisagem urbana do sudeste brasileiro. A passagem presente na epígrafe é um desses episódios, que marca uma infância em um local onde os traçados da futura metrópole já se desenhavam.

Em andanças e caminhadas por esse mundo, encontramos narrativas próximas e distantes, assim como as de Gattai (obra citada) que falam de crianças, de lugares, gostos, cheiros, sabores, de coisas que também trazem a infância em seus liames e estreitezas, escrituras oralizadas, pendentes em formas de memórias, cujas autorias se fundem com muitas vidas: quem de nós não tem lembranças de infância a ser narrada?

Narrar a infância. Ler a infância em sua dimensão social. Encontrar com as crianças nas fronteiras dos espaços que fazem parte de suas vidas cotidianas. Reconhecer as redes que se estabelecem e criam diferenças. As crianças estão em todas as partes, com infâncias diversas nos “esbarram” constantemente. Por isso, é uma honra trazer a público este dossiê **Geografias das Infâncias: fronteiras e conexões**, que retrata pesquisas que abordam múltiplas infâncias, suas espacialidades e territorialidades, bem como temáticas envolvendo a pós-infância, as dimensões da participação, protagonismo, agência, posicionamento ético na pesquisa com crianças, entre outros.

Geografias das Infâncias: fronteiras e conexões aborda a infância em seus contextos e em suas territorialidades como condição histórica e geográfica. Assim, conclama a abertura do olhar para além da estreiteza disciplinar, buscando entender a infância como suplantação das universalidades difundidas em uníssono para, em uma abordagem

interseccional e interdisciplinar, alargar a mirada incorporando os campos de conhecimento “fronteira”, para estabelecer as conexões cabíveis e desejáveis. Isso é feito considerando que temos, como desafio, repensar os modelos teóricos que nos aprisionam, bem como as estruturas atuais do capitalismo que nos desinvestem da potência criadora e imaginadora de novos mundos e novos modelos.

Na ciência geográfica, o vocábulo *fronteira* é uma palavra intensa, pois risca a existência humana, quer nos biomas terrestres, quer nas vidas em sociedade, expressas nas unidades que forjam as geografias das vivências. Nas demais ciências, essa pujança não se perde, mas espalha-se. São constantes inquietudes para o pensar e o sentir, por isso falamos em conexões, em extensões. Amarras que se vertem para diferentes confins. Lembremos Martin Heidegger (1954) e sua conhecida afirmação: “O limite não é onde uma coisa termina, mas, como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa dá início à sua essência” (s/p)². Todas as fronteiras estão para além das identidades tradicionalmente associadas a elas, são sempre traços de alteridade, convergências, afinidades e encontros. As infâncias e suas diversidades geográficas situam-se nessas reflexões, pois são compostas pelas diferenças que espacializam as crianças nos limites do mundo, em cada “canto” vivido, em cada localidade, em lugares, em regiões. Tempos históricos criam formas de ser e estar, espaços geográficos especializam as dessemelhanças! Por isso, geografias das infâncias! Voltemos a elas.

Entre as diferentes maneiras de se traçar um

2 Em [Bauen, Wohnen, Denken] (1951) conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, publicada em *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Disponível em português em: http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf

percurso para abordar o campo de conhecimento da Geografia da Infância, escolhemos aquele apontado por Lopes e Fichtner (2017) que identificam como expoente Martha Muchow com seus estudos sobre “O espaço de vida da criança na metrópole”³. A autora estuda as crianças, seus percursos e sua espacialidade, na década de 1930, em Hamburgo, na Alemanha. Para Lopes e Fichtner (2017, p. 755), essa obra é precursora de importantes debates sobre “protagonismo e a participação das crianças, suas lógicas e formas próprias de ser e estar no espaço”⁴. Para os autores, Martha Muchow teria sido “uma pesquisadora do início do século XX, que parece ser uma das primeiras pessoas que dedicaram sua vida acadêmica para pensar o binômio criança/espaço” (LOPES; FICHTNER, 2017, p. 759). Importante destacar que essa autora já tecia contundente crítica ao caráter universal e universalizante com que os temas relacionados às “peculiaridades que constituem a vida nas cidades e os processos educacionais que ocorrem nos espaços urbanos” eram tratados. Bem como à “impossibilidade de essas pesquisas e métodos capturarem as particularidades do viver urbano das crianças” (LOPES; FICHTNER, 2017, p. 763). Lopes e Fernandes⁵ reafirmam essa contribuição em seu artigo “A criança e a cidade: contribuições da Geografia da Infância”, publicado em 2018.

3 Der Lebensraum des Großstadtkindes.

4 LOPES, J. J.; FICHTNER, B. O espaço de vida da criança: contribuições dos estudos de Marta Muchow às crianças e suas espacialidades. *Revista de Educação Pública* (Cuiabá), v. 26, n. 63, p. 755-774, set./dez. 2017.

5 LOPES, J. J. M.; FERNANDES, M. L. B. A criança e a cidade: contribuições da Geografia da Infância. *Educação* (Porto Alegre), v. 41, n. 2, p. 202-211, maio-ago. 2018

Gostaríamos ainda de trazer o olhar de Aitken (2017)⁶ sobre os interesses teóricos e metodológicos dos geógrafos dos Estados Unidos pelas crianças. Tivemos contato com essa perspectiva em uma mesa redonda organizada pela professora Lígia Aquino, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, no dia 30 de julho de 2015, intitulada “Geografias da infância: pontos, mapas, caminhos”. Nessa oportunidade, Aitken refere-se ao trabalho de Bill Bunge nas décadas de 1960 e 1970, como uma importante contribuição à Geografia na discussão sobre os espaços das crianças com seu trabalho na cidade de Detroit, produzindo mapas sobre questões sociais envolvendo as crianças, e, mais tarde, já em Toronto, quando trabalha com mapas mentais em busca do olhar das crianças sobre seu espaço.

Estudos mais recentes têm buscado trazer as contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski e seus colaboradores para a área da Geografia da Infância, ao estabelecer uma aproximação com o conceito de vivência (Perejivanie), de meio (Sredá) e o de reelaboração criadora (Tvortcheskaia Pererabotka), que fortalecem a perspectiva da unidade pessoa-meio (VIGOTSKI, 2010). Assim, a socialização “está diretamente relacionada à transformação da criança em um ser cultural que se desenvolve na relação com o meio” (PRESTES, 2013, p. 302)⁷. Cumpre destacar que essa visão traz, ao meio, atributos tanto materiais quanto imateriais, compreendendo-o como fator desencadeador de possibilidades de atribuição de

6 AITKEN, S. Geografias de berço e as contratopografias da infância. In: ABRAMOWICZ, A.; TEBET, G. (org.) *Infância e Pós-estruturalismo*. São Paulo: Porto de Ideias, 2017, 81-110.

7 PRESTES, Z. A sociologia da infância e a teoria histórico-cultural: algumas considerações. *Revista de Educação Pública* (Cuiabá), v. 22, n. 49/1, p. 295-304, maio/ago. 2013.

sentidos aos objetos e de participação da vida social.

Este pequeno recorte sobre o campo da Geografia da Infância poderia incorporar outros autores, como tão bem fez Lopes⁸ em um artigo de 2013. Entretanto, para o que pretendemos aqui, cremos ser suficiente esta breve exposição.

Voltando ao dossiê, trata-se de uma proposta que traz trabalhos teóricos, em que essa discussão assume a tarefa de descortinar diferentes matrizes de pensamento, ao lado de trabalhos de base empírica, em intensa discussão com a base conceitual metodológica que alimenta a pesquisa nessas temáticas, em países como o Brasil, México, Estados Unidos e Itália.

Assim, apresentamos este trabalho ancorado na perspectiva dos novos estudos sociais da infância que colocam ênfase na diversidade envolvendo o universo infantil. Adota-se “Infâncias” no plural, sem, contudo, propor a invisibilização dos marcadores sociais, étnico-raciais, de classe, de gênero e de territorialidade, o que, nessa perspectiva teórico-metodológica, é imprescindível, considerando o diálogo com autores que se opõem à tentativa de normalização e normatização das infâncias e de seus tempos/espaços.

Este dossiê se posiciona teórica e metodologicamente de forma crítica a respeito das noções de desenvolvimento e socialização, bem como tece críticas ao olhar do pesquisador e da sociedade sobre a criança como ser passivo que assimila e reproduz a cultura adulta. A perspectiva teórica adotada concebe as crianças como sujeitos especializados, sujeitos, de direito, sujeitos sociais e sujeitos políticos, participantes da produção e circulação do conhecimento. Dessa forma, busca-se superar o paradoxo entre a centralidade da

8 LOPES, J. J. M. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. *Revista de Educação Pública* (Cuiabá), v. 22, n. 49/1, p. 233-294, maio/agosto 2013.

infância na sociedade contemporânea e o alijamento das crianças e adolescentes das esferas decisórias, ou mesmo a sua invisibilidade no que diz respeito à sua capacidade de influir em seus entornos.

Por fim, demonstrando coerência teórico-metodológica, os artigos revelam uma miríade de metodologias e temas, com desenhos, desenhos com narrativas, cadernos, mapas vivenciais, entrevistas, perguntas formuladas e reformuladas para se adequarem ao protocolo da pesquisa, cadernetas, vídeos, entre outros.

Assim, apresentamos autores e autoras que compõem este dossiê é um grande prazer. Vânia Araújo, Fernanda Müller, Cristian Dutra, Vânia Chaigar, Maria Letícia Nascimento, Maria Tereza Goudard Tavares, Cintia Larangeira, Julyana Veríssimo trazem a temática da criança na cidade, abordam, a despeito de uma “imagem agonística da cidade”, as experiências e os sentidos atribuídos pelas crianças às cidades, trazendo à tona um modo próprio de interpretação.

Giovanni Perillo aborda o espaço como livro. A temática da escola e da formação de professores como possibilidade e utopia é tratada por Marisol Barenco de Mello, Patrícia Medina, Vânia Chaigar, entre outras, em busca de contrapontos às lógicas universalizantes, reivindicando a emergência de outras lógicas, vozes e saberes, incorporando essa diversidade de sujeitos que reclamam legitimamente seu lugar no mundo. Já Luciana Hartmann traz com seus estudos da performance a perspectiva dialógica que alimenta seu trabalho.

Diálogos com Vigotski e Bakhtin aparecem nos textos de Marisol Barenco de Mello, Giovanni Perillo, Jader Janer Moreira Lopes, Cristina Madeira Coelho, Patrícia Medina, Zoia Prestes, Beth Tunes, Luciano Ponzio, Bruno Muniz e Vinícius Santos Barroso.

A temática da sustentabilidade aparece como desafio e horizonte nos textos de Stuart Aitken, Rachel

Nunes Leal, José Antônio Perrella Balestieri, Cristiana Zara, Catherine Walker, Joseph Hall, Peter Kraftl.

Gabriela Tebet tece a trama das diversas possibilidades teóricas de trabalho com a temática da infância e propõe a discussão sobre bebês.

Nosso diálogo com os textos deste dossiê se inicia com reflexões a respeito do trabalho de Stuart Aitken que, em seu texto **Repensando os Direitos da Criança por meio da Ética da Pós-Infância**, apresenta essa pós-criança como sujeito de multicamadas, nômade, que se relaciona com agentes humanos e não humanos, sendo mediada pela tecnologia. Adotando a perspectiva da pós-infância como uma alternativa à ética liberal, que deixa as crianças sozinhas e impotentes no centro do mundo cuja criação não é sua, conclama que se confie nos jovens, possibilitando-lhes espaço de vivência como uma alternativa radical que desafia e repensa diretamente as estruturas atuais do capitalismo e da cidadania liberal-democrática.

Vânia Araújo traz, em seu artigo **A cidade na infância, a infância na cidade, questões tais como: O que pensam as crianças sobre a cidade**, compreendida em seus diferentes modos de habitar os contextos rurais e urbanos? Quais os sentidos que atribuem à cidade, seja ela materializada por meio de suas experiências, seja ela representada nas suas diferentes formas de simbolizar o mundo? Onde estariam as crianças diante disso tudo? Vânia, abordando o direito à cidade como “[...] condição de um humanismo e de uma democracia renovados” (LEFEBVRE, 2001, p. 7), tece profundas críticas à padronização dos espaços destinados às crianças que se tornam pouco convidativos e não lhes permitem ampliar as possibilidades de brincadeiras nos diferentes tempos e espaços sociais onde habitam ou circulam. Traz importante reflexão sobre o estabelecimento de relações de sociabilidade com outras crianças, fazendo-as “compartilhar um conjunto de heranças simbólicas e

materiais deixadas pelas gerações passadas”.

O artigo **(In)visibilidade das crianças e (n) as cidades: há crianças? onde estão?**, de Maria Letícia B. P. Nascimento, anuncia que as crianças têm sido invisibilizadas nas cidades e infere que as ruas parecem ser somente um lugar de passagem, de ida ou vinda de algum lugar, vazias de crianças e de seus sons. A autora indica que visibilizar a participação das crianças nos diferentes contextos sociais em que vivem implica buscar conhecê-las a partir delas próprias e de suas práticas sociais, tanto nas instituições às quais são confi(n)adas quanto nas relações que travam com e na cidade, em âmbitos e condições diversificados, dos condomínios às moradias populares e ocupações; das ruas ao transporte escolar; das praças aos shoppings centers. Pesquisas com crianças nas cidades localizam lugares das crianças no cotidiano urbano. Por fim, indaga-se: Quais são as marcas que deixam na cidade? Podemos imaginá-las nas ruas, vivendo sua infância?

O artigo de Vânia Chaigar: **A propósito de alimentar infâncias... A formação em diálogo com a cidade** diz respeito ao chamado para que busquemos a criança guardadas em nós, já que essa nos possibilitaria criar, amar, repartir, devanear e prospectar. Propõe que a formação de professores ocorra em diálogo com a cidade, pautada pelas investigações, experimentações e aproximações da cidade no ensino, na pesquisa e na extensão.

Investigando infâncias e processos educativos na cidade de São Gonçalo, de Maria Tereza Goudard Tavares, Cintia Lorangeira e Julyana Veríssimo, objetiva investigar se os componentes territoriais da cidade de São Gonçalo interferem e/ou produzem impactos nos processos educativos e de escolarização inicial das crianças das camadas populares no município. Traz a concepção de alfabetização cidadã (TAVARES, 2003), que amplifica o conceito de alfabetização, incorporando a

temática da cidade como um livro de espaços, derivando em uma aprendizagem do olhar. Nessa perspectiva, busca contribuir para a formação de professores-pesquisadores de educação das infâncias e para a construção de uma cultura escolar infantil, que tenha, como fundamento da ação educativa, a reinvenção da escola de educação das infâncias como um centro recriador da memória, da história e da cultura da cidade de São Gonçalo. Com isso, contribui para a produção de uma outra urbanidade, na qual o direito à cidade seja cada vez mais uma responsabilidade coletiva, um direito discutido e aprendido em todas as esferas societárias, especialmente nos sistemas escolares municipais.

Fernanda Müller e Cristian Pedro Rubini Dutra, em **Percursos urbanos: (im)possibilidades de crianças em Brasília e Florianópolis**, abordam os espaços e lugares ocupados e transitados pelas crianças nas duas cidades, buscam capturar suas estratégias de transgressão, negociação e libertação em relação ao planejamento espacial dos adultos em relação a elas (BARKER, 2006), considerando as crianças atores sociais. Discutem a insularização e o controle dos adultos sobre as crianças como processos interdependentes e acionados cotidianamente, ao mesmo tempo em que apresentam os escapes criados pelas crianças. Como opção metodológica, são trazidos desenhos e narrativas sobre os percursos infantis como oportunidade de aproximação e compreensão de modos de exploração e circulação na cidade, bem como de relações sociais e individuais produzidas durante os percursos.

Já o artigo **De quem é a infância?**, de Beth Tunes, traz o conceito de território que não pode se reduzir à dimensão material ou concreta, por representar um campo de forças ou uma rede de relações sociais projetadas no espaço, de caráter histórico e culturalmente situado. Assim, esse conceito é trabalhado na perspectiva de um

sistema de comportamento composto pelas relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência e que expressa sentimento de pertencimento e modo de agir. Dessa forma, incorporando a abordagem de Vigotski sobre a situação social de desenvolvimento, propõe o uso da grafia no plural, falando, assim, de territorialidades e territórios da infância.

Cristina M. Madeira-Coelho, no artigo **Sobre Desenvolvimento da Infância e Defectologia: indícios do papel ativo do sujeito, a partir de uma apresentação geral sobre a Psicologia Histórico-Cultural**, aborda processos de desenvolvimento infantil, pautados não na quantificação do que a criança seja ou não capaz de fazer, mas na compreensão qualitativa que o desenvolvimento psíquico assume frente aos desafios impostos pela característica peculiar da pessoa que se desenvolve. Aborda, ainda, o papel do contexto no desenvolvimento infantil na perspectiva de que a relação entre dimensões da temporalidade específica que a criança vivencia naquele momento se articula com as características que lhe são significativas nos seus contextos espaço-sócio-vivenciais, permitindo o movimento do desenvolvimento psicológico das crianças e o desenvolvimento de suas personalidades conscientes. Traz o conceito de perizhivanie como indício de que, na obra de Vigotski, a criança assume um papel ativo na organização dos fatores e características do contexto social que terão valor próprio e singular para ela, que interpreta, percebe, sente e, assim, vivencia seu desenvolvimento.

Obschenie e a teoria histórico-cultural, de Zoia Prestes, analisa o conceito obschenie no escopo da teoria histórico-cultural de Vigotski. Com base nas ideias do autor russo, expõe a importância do conceito na psicologia soviética e russa e discute as possibilidades de tradução do conceito com destaque para o debate sobre o desenvolvimento e a educação da criança e termina afirmando que “a consciência humana ... emerge e se

desenvolve na obschénie e se forma no percurso histórico e cultural da sociedade.” Conclama que revejamos nossas relações com as crianças para tentar compreendê-las, oferecendo-lhes um mundo menos violento.

O artigo **Arte, Vida, Infância, Território: por uma semiótica da imaginação e do espaço**, de Luciano Ponzio, apresenta a atividade de leitura como indissociável da escritura. Como o próprio autor coloca, tratam-se de “atividades indissociáveis reunidas no gesto de encontrar, ou pelo menos de pesquisar, tudo aquilo que, na obra, representa a força de resistência ao logocentrismo. Devemos, portanto, partir do pressuposto de que existe, por um lado, o questionamento do mundo feito apenas por enunciados afirmativos, organizados pela ‘trama do mundo’ e, por outro lado, pelo movimento visionário para alcançar o desígnio secreto do mundo: um movimento sem fim, uma configuração inesgotável de uma textura do mundo, não em sua forma simbólica, mas na renção/renderização de uma superfície interminável”.

Giovanni Perillo, em **Leitura, representação e participação à construção do território**, aborda o desafio de se despertar o olhar ou o desejo do olhar como um primeiro passo para ler e aumentar a consciência sobre o próprio território. Traz a importante discussão do espaço como livro, bem como a questão do leitor do texto-território urbano, que, ao observar o próprio habitat ou o habitat do outro, o lê, o traduz e o escreve. Propõe, por fim, que se deva educar crianças e jovens (mas também homens e mulheres) para a capacidade de escuta que uma leitura de signos requer. Propõe uma semiótica que implica o fato de que a leitura do próprio habitat pode levar a uma escuta responsável dos signos de todo o planeta em resposta às nossas mudanças.

Eles brincam de guerra mundial, de Luciana Hartmann, debate o lugar de protagonismo estabelecido por crianças imigrantes, recém-chegadas à França,

ao contarem histórias. Para compreender o universo narrativo e comunicativo das crianças, a autora utiliza o escopo teórico e metodológico dos Estudos da Performance, analisando a forma como as crianças contam as histórias, baseada em perguntas tais como: Que histórias as crianças imigrantes contam? Como contam, já que frequentemente não dominam o idioma do país de destino? Traz o sistema simbólico próprio das crianças, bem como suas próprias interpretações do mundo. A autora elenca como desafio estabelecer relação verdadeiramente dialógica com as crianças, reconhecer sua agência no mundo e dividir com elas o protagonismo.

A Infância em Cronotopos: migração, territórios e enunciação infantil, de Marisol Barenco de Mello, discorre sobre a escola e seu modelo sociocultural que não se beneficiam das lógicas que historicamente foram subalternizadas e que poderiam representar alternativas ao esgotamento do seu modelo universalizado – baseado na ciência, tecnologia, inovação, tendo a racionalidade instrumental e certo pragmatismo como bases teóricas e epistemológicas. Para a autora, por deixarem de usufruir das experiências que uma escola comprometida com o desenvolvimento humano e social poderia garantir, as classes populares perdem, ficando o mundo mais pobre, mas também mais arrogante. Com base na teoria bakhtiniana e suas interfaces e em uma perspectiva metodológica que busca garantir a manutenção das vozes dos sujeitos participantes dos processos no trabalho pedagógico, nos textos, na pesquisa e na vida, busca escutar a cidade enquanto cronotopo, revelando tensões e relações humanas ainda inscritas/escritas na cidade como texto.

Em “La escuela de Manuela”. **Infancias y memoria. Zonas de experiencia y cronotopos en contextos de movilización social**, Patricia Medina Melgarejo fala sobre a possibilidade do encontro do mundo como ele é com as utopias – topos-lugares, que

indicam e reivindicam seu lugar de fala, de sentido, de pertencimento e de permanência em um mundo que insiste em dizer da desterritorialização e despossessão. Nessa perspectiva, as crianças narram e demandam o que esperam, querem e desejam, que, no terreno das utopias, enfrentando-se o que não é, mas o que pode vir a ser. Essa utopia é entendida como crítica à invisibilização dos sujeitos perante generalizações que os reduzem a identidades fixas, tecendo fronteiras de relações e coisificações dos sujeitos infantis, produto dos sentidos de uma matriz de pensamento colonial. Questiona o constructo de crianças como sujeitos atópicos, ou seja, sem topos-lugares, considerados pela autora como espaços de suas próprias geografias infantis, espaços de condensação das memórias sociais infantis inscritos em geografias históricas e políticas. Trabalha ainda como o conceito de “zonas de experiência infantil”, pensadas como dispositivos, cronotopos e ações que produzem autorias infantis.

Jader Janer Moreira Lopes e Maria Lidia Bueno Fernandes, em **O guardador de fósseis e a pequena criança: territórios de infâncias e o determinismo da teoria**, trazem importante articulação com o campo teórico da teoria histórico-cultural, elegendo a imaginação como base de toda atividade criadora. Abordando a teoria de Vigotski (2009), no que diz respeito à capacidade criadora do ser humano, tecem críticas ao olhar para as narrativas infantis com teorias predeterminadas, fixas e imutáveis que negam a contribuição das crianças em outras formas de ler e entender os eventos que fazem parte da existência humana. Por fim, o texto nos conclama a perguntar: Como aprender a ler o espaço com as crianças? Como desenlaçar possíveis complexidades a partir do olhar infantil?

Mapas vivenciais e a pesquisa com crianças,
de Bruno Muniz Figueiredo Costa e Vinícius Santos

Barroso, dialoga com Vigotski, em especial no que diz respeito à cartografia a partir da metodologia de mapas vivenciais. Trazendo importante reflexão sobre ética na pesquisa com crianças, trata da unidade entre o meio e o desenvolvimento humano, já que os lugares e suas paisagens oferecem elementos da cultura com os quais são constituídas as histórias coletivas e individuais no mundo. Trata-se de um processo que também comporta o protagonismo de nossas crianças frente ao mundo. Abordando o conceito de vivência elaborado por Vigotski, que amplia a noção de cognição espacial, comportando também as emoções, a afetividade, o biológico (corpo da criança), as narrativas, o cultural, traz importantes indagações: Como pensar um mapa que contemple os lugares de afetividade e emoções das crianças? Como pensar um mapa que registre as noções de poder de um grupo que não é oficial? Como pensar um mapa que contemple outras expressões do espaço geográfico além do território?

(Re)conectando o nexo: percepção de jovens brasileiros sobre o nexo água-energia-alimento, de Rachel Nunes Leal, José Antônio Perrella Balestieri, Cristiana Zara, Catherine Walker, Joseph Hall, Peter Kraftl, apresenta uma pesquisa que visa conhecer os saberes, as percepções e as vivências dos jovens sobre água, energia e alimento, bem como as conexões que são capazes de fazer entre tais recursos. O objetivo principal do projeto é identificar a percepção com que jovens de 10 a 24 anos de idade compreendem e se envolvem com questões relativas ao nexo entre alimentos, água e energia.

Por fim, Gabriela Guarnieri de Campos Tebet, em **Territórios de infância e o lugar dos bebês**, tem o objetivo de apresentar o conceito de infância como um território em disputa e localizar os bebês nesse território. Para isso, traça um panorama dos diferentes modos como a infância tem sido definida na produção

acadêmica atual, estabelece relações com contos infantis amplamente conhecidos e aponta para o fato de que, se, por um lado, por muito tempo, as crianças foram invisibilizadas nas pesquisas em Ciências Sociais e Humanas, por outro lado, a própria categoria criança, ainda hoje, tem invisibilizado a especificidade dos bebês. Por fim, discute a presença dos bebês no contexto social em que habitam e também nas pesquisas científicas, destacando sua presença e sua ação sobre os territórios que habitam.

É necessário agradecer aos parceiros e parceiras instigantes que contribuíram com a elaboração deste dossiê. Agradecimento especial ao Fundo de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal – FAP/DF, que financiou o I Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância, que se realizou em março de 2018, na Universidade de Brasília. Esse colóquio sinalizou a atualidade e o vigor dessa temática em nível nacional e internacional.

Esperamos que as reflexões aqui presentes contribuam com todos e todas que fazem da infância seu campo de estudos, que este dossiê possa se manter como um registro de muitos de nossos encontros com as crianças nessas fronteiras que iniciam as essências da vida e que, como nos toca Gattai (obra citada), em lembranças que transformam uma propaganda de remédio em uma existência humana.

Maria Lidia Bueno Fernandes &
Jader Janer Moreira Lopes

Brasília, dezembro de 2018